

# A militância dos herdeiros

Jovens empresários dão as costas à política de Brasília e buscam manter uma atuação social independente

Por **Rosangela Silva**

Eles não querem ser políticos profissionais, fogem de Brasília e pouco divulgam seus trabalhos comunitários. A nova geração de herdeiros de famílias empresárias busca caminhos para a participação política e social fora das estruturas de poder político. A corrupção e a dificuldade de o Estado equiparar os desiguais são duas das principais razões que mantêm os jovens bem-nascidos e educados nas melhores escolas e universidades com um pé atrás em relação à política institucional.

Cássio Beldi faz parte da terceira geração da empresa da sua família e vê conflito de interesses numa maior atuação política da elite. “Vemos diversos exemplos de membros de famílias ricas, que não deveriam se preocupar em aumentar seu patrimônio pessoal, envolvidos com corrupção ao entrar na política. Talvez por isso, muitos estatutos e acordos de convivência de empresas familiares, proibam ou ao menos inibam a participação política de seus membros”.

O cientista político e presidente da Arko Advice Murillo de Aragão é um crítico da omissão do empresariado. “Parte da elite empresarial brasileira gosta muito de criticar, mas não quer se envolver diretamente na política. Para eles a política é uma atividade menor, nebulosa e de aspectos negativos”, diz. Na sua opinião, a política só vai melhorar com a participação maior e mais intensa das elites –lideranças de trabalhadores, pensadores, juristas, líderes populares, professores e empresários. “A qualidade da política é intimamente ligada à qualidade da participação da sociedade. O que vemos no

**Ex-moradores de rua, alunos da oficina de fotografia do projeto Trecho 2.8 do Instituto Brasis com o Instituto Gens Educação e Cultura**

## Família Empresária

**Renata Bernhoeft, da Hoft Consultoria: "Plantamos para termos uma via de mão dupla: mais justiça social e consequentemente mais progresso"**



Brasil é um distanciamento dos mais bem preparados, dos que estudam mais – por exemplo –, da política.”

Os jovens herdeiros não se deixam convencer pelos argumentos e críticas lançados em sua direção. E vivem uma profunda contradição entre seu lado empresarial e sua sensibilidade humanista. “É terrível gerenciar corporações, ter de se preocupar com taxas de crescimento e com o aumento da riqueza em um mundo onde existe fome e miséria”, diz Beldi.

O caminho encontrado por Cássio Beldi e outros jovens empresários foi a criação de entidades que ajudem a diminuir as desigualdades sociais do País, como o Instituto Brasis, ou que preparem os herdeiros que se preocupam com questões sociais a terem uma atuação social. Beldi, por exemplo, faz parte do conselho do Instituto Brasis, entidade sem fins lucrativos que tem como objetivo diminuir as desigualdades sociais do País.

Um dos fundadores e presidente do Instituto Brasis Estudos e Ações é o empresário Marcos Amaro, filho do fundador da TAM Rolim Amaro. Depois que o pai faleceu, Marcos, na época com 18 anos, ingressou na companhia aérea como *trainee*, mas decidiu vender parte de suas ações, abandonar o curso de economia e se dedicar aos próprios negócios. “Em determinado momento da minha vida não senti mais tanta satisfação em trabalhar pelo capital. Senti a vontade de ampliar meu projeto de vida e buscar outras possibilidades”.

Nessa busca, uniu-se ao amigo há 20 anos Bruno Rizzo e criaram o Instituto. Pouco tempo depois convidaram outros herdeiros: Ricardo Mellão, Rafael Queiroz, Bernardino Tranchesi, Marcela Monteiro de Barros, Lucas Aly e Cassio Beldi para também serem fundadores da associação. “Estudo filosofia há alguns anos e ela abriu minha mente para o lado social, que hoje é parte de um grande pedaço de mim. Não nego o modelo econômico, mas me proponho a transformar o capital em social”, diz Amaro. Ele não vê na vida parlamentar, por exemplo, uma saída para tal contradição. “A política institucionalizada não atinge o

propósito de cuidar, é, antes, insuficiente e está presa por vaidades e mazelas do ser humano. Hoje a nossa motivação é criar uma espécie de governo paralelo, uma forma de mostrar ao governo que podemos fazer muito mais do que temos feito, respeitando o Estado de Direito, sem, com isso, criar uma nova moral”.

O Instituto Brasis foi fundado em novembro de 2009 e sua renda vem dos mantenedores - pessoas físicas e jurídicas. “A ONG é uma desenvolvedora de projetos sociais, não gere os projetos, mas os co-gere, em parceria com institutos que compartilhem nosso ponto de vista artístico, não assistencialista e inovador”, diz Amaro.

O *Trecho 2.8* é o projeto de número 1 do Instituto Brasis, tocado em parceria com o Instituto Gens Educação e Cultura. Trata-se de uma oficina de fotografia para 10 pessoas moradoras de rua, em São Paulo. Com 11 meses de duração, o programa tem como objetivo a inserção social de ex-moradores de rua pela fotografia. “Entendemos que a arte, por ser lúdica e recreativa, seja uma forma de conhecimento mais fácil ou mais agradável para as pessoas que se encontram em uma situação de miséria”, diz Amaro.

A oficina de fotografia do projeto *Trecho 2.8* tem dado novos rumos à vida dos participantes. Jakeline Pereira de Andrade tem 29 anos, mora em Itaquaquecetuba com o marido e o filho recém-nascido, de apenas três meses. Ele nasceu prematuro, um dia depois do leilão beneficente realizado pelo Instituto Brasis na Daslu, com as fotos tiradas pelos moradores de rua. “Foi de tanta emoção”, conta ela

O leilão na Daslu aconteceu em novembro do ano passado e arrecadou cem mil reais com a venda das obras. “O leilão teve 100% dos lotes vendidos, e os recursos foram divididos entre os participantes e o Instituto Brasis. Isso deu condições ao projeto de se retroalimentar”, conta Amaro.

Nascida no Recife, em Pernambuco, Jakeline trabalhou como empregada doméstica quando chegou a São Paulo, mas quando perdeu o emprego morou na rua durante

**Luís Alexandre Garcia, CEO do Grupo Algar criador do Instituto Algar, que defende a educação como forma de progresso: “Nós acreditamos na contribuição perene com a sociedade. E a boa educação é para a vida toda. Queremos desenvolver o país”**



cinco meses no ano passado. “Não queria voltar para a casa da minha mãe. Ela sempre me ajudou e já cuida de dois outros filhos meus, de 9 e 4 anos. Queria voltar melhor do que quando saí de casa, queria dar a eles o melhor. Agora está tudo bem, estou trabalhando, ganhando meu dinheiro e minha família está feliz e orgulhosa pelas coisas que tenho conquistado. O projeto *Trecho 2.8* foi uma luz no fim do túnel”.

Cada morador de rua recebe uma bolsa de 250 reais para participar das atividades da oficina, além de vale-transporte. O marido de Jakeline também está no projeto. “Nós guardamos o dinheiro recebido pela venda das fotos. O projeto é um incentivo para a gente olhar a vida de outro jeito. Esquecer o que passou, pensar no futuro e imaginar que daqui para a frente vai ser melhor”. Jakeline paga o aluguel de sua casa, de 300 reais, com o dinheiro que recebe da bolsa-oficina.

Marcos Amaro entende que os participantes se comprometeram com o projeto. “Queremos dar-lhes instrumentos para que sejam autônomos, senhores do seu destino. Os moradores de rua são pessoas como qualquer outra. Talvez alguns deles sejam mais sinceros que executivos que eu tenho nas minhas empresas. O que os difere são as oportunidades”.

O Instituto Brasis criou a CAITITI Licenciamento de Imagens Ltda., uma empresa que vai ser o elo entre os ex-moradores de rua e o mercado de trabalho. A empresa vai funcionar como um banco de dados das fotos tiradas pelos alunos do projeto, e estará à disposição para a venda. “É fundamental que as pessoas em situação de rua recuperem a capacidade de prover seu próprio sustento e consigam gerar renda com os vários aspectos comerciais da fotografia”, diz Amaro.

Gente como Sebastião Nicomedes, 43 anos, mais conhecido como Tião, consegue pagar suas despesas

**Marcos Amaro:**  
**“Não nego o modelo econômico, mas me proponho a transformar o capital em social”**

com o dinheiro que recebe por direitos autorais de alguns textos, peças de teatro, jornais e artesanatos, além da bolsa de fotografia, do projeto Trecho 2.8. Ou como Marilza Silva, 43 anos, divorciada, que deixou a família em Altamira, no Pará para viver em São Paulo há três anos. “Sinto muita saudade. Tenho um casal de filhos lá, um de 25 e outro de 26 anos. Perdemos o contato”.

O projeto também dá forças à jovem Fernanda Daniel Mathias que tem 22 anos e está grávida de seu segundo filho, que nasce na conclusão da primeira turma do projeto Trecho 2.8, em março. Seu marido morreu em dezembro e ela foi parar na rua depois que houve uma desocupação da área em que morava. “Era irregular e nós não sabíamos”.

Diretor do Instituto Brasis, Bruno Rizzo conta que a ideia do Instituto Gens nasceu a partir do documentário *Nascidos em bordéis*, vencedor do Oscar 2005. O filme mostra a vida de crianças do bairro da Luz Vermelha, em Calcutá. Os documentaristas Zana Briski e Ross Kauffman entregam câmeras fotográficas a essas crianças e pede para elas fazerem retratos de tudo que lhes chama a atenção. Os resultados são emocionantes.

“Aqui não tem caridade, não temos pena de ninguém. Pena é um sentimento de superioridade em relação a outra pessoa. Aqui todo mundo tem contrato de bolsa-auxílio e prestação de serviço. E na CAITITI eles são sócios por meio de cotas de participações”, diz Rizzo.

Outro projeto autônomo, feito por herdeiros de empresas familiares, com o intuito de sensibilizar a elite e aumentar a representatividade na sociedade é o Instituto Geração, que criou o programa Nova Geração.

Durante o trabalho, o grupo de jovens entre 25 e 35 anos, tem a possibilidade de debater com diferentes líderes sociais, empresariais e políticos sobre investimento e intervenção social, desigualdade social, relação com a família e privilégios, entre outros temas.

Há institutos e fundações ligadas diretamente às empresas familiares, como é o caso do Instituto Algar, do Grupo Algar. Criada em 2002, a organização sem fins lucrativos defende a educação como forma de progresso. Em parceria com 100 escolas públicas nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Maranhão, o Instituto Algar desenvolve atividades de formação continuada de educadores e de alunos com o objetivo pedagógico de desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade. “Nós acreditamos na forma de contribuição perene com a sociedade. E a boa educação é para a vida toda. Queremos desenvolver o país”, diz o CEO do Grupo Algar, Luís Alexandre Garcia.



Para Garcia, as novas gerações são peça-chave para um relacionamento político melhor do que outrora. “O Brasil viveu um regime militar durante anos, período em que era impossível discutir política ou ter envolvimento com entidades de classe. Era um tabu. Os trabalhadores conseguiram isso antes que as associações comerciais, os sindicatos e as federações”.

Prática comum na Europa e nos Estados Unidos, as empresas se unem em associações. No Brasil, as empresas familiares buscam apoio em entidades como o FBN, *The Family Business Network*, uma associação sem fins lucrativos presente em mais de 40 países, com o objetivo de dar voz às empresas familiares.

Renata Bernhoeft, da höft Consultoria participou de Congresso Mundial do FBN em outubro, em Chicago. Para ela, as empresas familiares são mais capitalizadas e têm função social maior. “Elas pensam no longo prazo, na continuidade do negócio. Se preocupam um pouco mais com a sociedade em que estão inseridas, pois têm noção clara de que precisa haver essa troca com a comunidade. E a questão vai além de colocar nossos produtos à venda. Plantamos para termos uma via de mão dupla: mais justiça social e conseqüentemente mais progresso”.

Marcos Siqueira, gerente executivo do FBN conta que o fórum tem mais de 3.700 associados. “Nós apoiamos não apenas o desenvolvimento dos negócios das famílias empresárias, mas do ambiente econômico e social onde elas se encontram. Elas são responsáveis não só pelos seus empreendimentos, mas pela comunidade onde atuam e pelo impacto que causam na economia de suas regiões”. ¶